

# **DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA FASE DA ALFABETIZAÇÃO: UMA PESQUISA DO ESTADO DO CONHECIMENTO**

Ketlyn Lais Bonfim<sup>1</sup>

Marilane Maria Wolf Paim<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este artigo se propõe a analisar as principais características e tendências da pesquisa acadêmica sobre dificuldades de aprendizagem na alfabetização, visando refletir a dimensão de produções neste campo de estudo e compreender o saber que vem sendo construído sobre o tema nos últimos dezesseis anos. A pesquisa é caracterizada como bibliográfica, no campo do estado do conhecimento, com uma amostra totalizando seis artigos, datados entre 2000 e 2016, obtidos no banco de dados da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Os resultados demonstram uma culpabilização da criança e da família pela não aprendizagem, em contrapartida de que há necessidade de compreender a concepção de alfabetização e das metodologias utilizadas pelos docentes.

**Palavras chave:** dificuldade de aprendizagem, alfabetização, estado do conhecimento, práticas docentes.

## **1. INTRODUÇÃO**

Exclui-se da escola os que não conseguem aprender, exclui-se do mercado de trabalho os que não têm capacidade técnica porque antes não aprenderam a ler, escrever e contar, e excluem-se finalmente, do exercício da cidadania esses mesmos cidadãos, porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa (BARRETO).

A alfabetização é um momento importante e especial no desenvolvimento, tanto escolar quanto pessoal. É durante esse processo que o aluno começa a ser rotulado de bom ou mau, se será um sucesso ou um fracasso no processo de desenvolvimento escolar.

Para Cagliari (1985) a alfabetização também é especial na vida da escola, um teste de sua competência, momento de analisar o aprender da vida e o aprender da escola, as formas de conhecimento presentes nesse contexto bem como as

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia -UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí). Pós-Graduada em

<sup>2</sup> Doutora em educação, professora titular da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. Atua no programa de mestrado em educação e no curso de pedagogia. Pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Formação Docente e Processos Educativos. Diretora do Instituto Federal Catarinense campus Blumenau. E-mail: marilaneuw@gmail.com

manifestações preconceituosas da sociedade com relação a linguagem refletidas nos espaços escolares.

A escola, assim como a sociedade, é permeada por conceitos e preconceitos culturais, sociais, éticos e econômicos que possibilitam a emancipação dos sujeitos, mas que também podem ser discriminatórios e excludentes. Segundo Cagliari (1985), enquanto a sociedade discrimina através da cor, sexo, origem e costumes, na escola são criados preconceitos linguísticos, culturais e intelectuais: o saber determina quem é inteligente e quem é ignorante, qual aluno tem distúrbios de aprendizagem e qual apenas cometeu um erro. Tais determinantes citados anteriormente já são definidos/criados na fase da alfabetização.

Soares (1998) e Kleiman (1995) analisam a questão das diferenças culturais/linguagem existentes entre os sujeitos/crianças envolvidos no processo de aprendizagem e os professores, sendo que estes, por meio da linguagem, acabam interferindo no desempenho escolar dos alunos, levando muitas vezes ao fracasso escolar.

Miranda (2008) apresenta que o termo “Problemas de Aprendizagem” é carregado de significados e explicações políticas, econômicas, sociais e psicológicas que foram sendo produzidas e reproduzidas de maneira fragmentada no contexto educacional brasileiro para justificar a dificuldade de aprendizagem.

No contexto da alfabetização, a dificuldade de aprendizagem também é um tema que possui grande abrangência e diversas perspectivas teóricas (SENA; GOMES, 2000), e, por este motivo, se faz necessário analisar o estado do conhecimento sobre a dificuldade de aprendizagem na alfabetização.

Portanto, este artigo possui como objetivo analisar as características e tendências da pesquisa acadêmica sobre dificuldades de aprendizagem na alfabetização, visando refletir a dimensão de produções neste campo de estudo, e compreender o saber que vem sendo construído sobre o tema nas últimas décadas na base de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).

## **2. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral, isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse

do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 1-2).

O referido estudo configura-se pela pesquisa bibliográfica. Este tipo de metodologia abrange toda a bibliografia tornada publica em relação ao tema pesquisado, desde “publicações avulsas, jornais, revistas, livros, pesquisas, livros, revistas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 166).

Medeiros (2010) nos ajuda a compreender que esse método de pesquisa envolve o levantamento da literatura referente ao tema que se almeja estudar. Seu objetivo é “colocar o autor da nova pesquisa diante de informações sobre o assunto de seu interesse” (MEDEIROS, 2007, p. 39). A pesquisa bibliográfica envolve quatro etapas:

Escolha do assunto: o assunto será delimitado e preciso; ao geral, amplo, será preferido o restrito. [...] Depois de escolhido o assunto, passa-se a sua delimitação, o que vem a constituir-se o tema. Favorecem a delimitação do assunto: o uso de adjetivos explicativos e restritivos, de complementos nominais, de adjuntos adverbiais. [...] Após o estabelecimento do tema, que é o assunto devidamente delimitado, passa-se à fase de leitura e fichamento. Há autores que recomendam como passo seguinte o estabelecimento de um plano provisório. [...] Para a elaboração do plano, leve-se em conta que deverá ter: introdução (formulação do tema, importância dele, justificativa da pesquisa, metodologia a ser empregada); desenvolvimento (fundamentação lógica do trabalho, explicação do tema, discussão, demonstração). O desenvolvimento deve ser dividido em tópicos. Finalmente, a conclusão exige que tudo seja sintetizado (MEDEIROS, 2007, p.39-40).

O tipo de pesquisa bibliográfica que orientou o estudo em exposição circunscreve-se ao campo do estado do conhecimento, sendo este um método de pesquisa sobre a produção acadêmica de um determinado tema em campo específico de conhecimento (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

O banco de dados escolhido para a coleta, após pesquisas em diversos bancos de dados, foi a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), devido ao seu grande reconhecimento nacional. A ANPED foi criada no ano de 1978 e desde então se compromete com o desenvolvimento da educação por meio de uma prática acadêmica-científica que promove debate entre diferentes tipos de pesquisadores da área da educação, bem como apoio aos programas de pós-graduação.

A ANPED promove reuniões nacionais e regionais, que são subdivididas em Grupos de Trabalho (GT) e para este artigo foram selecionados três pesquisas do GT4-Didática e três do GT10-Alfabetização por meio das palavras-chaves: “dificuldade de aprendizagem”, “transtorno de aprendizagem” e “fracasso escolar”, em conjunto com a palavra “alfabetização”. As pesquisas resultantes foram filtradas de acordo com o ano de publicação e período escolar - 1º ao 3º ano, conforme o ciclo da alfabetização criado pelo Ministério da Educação.

A amostra final consiste de 6 pesquisas publicadas e discutidas nas 23ª, 27ª, 33ª e 37ª reuniões, dos anos 2000, 2004, 2009, 2010 e 2014. Além do espaço temporal, as regiões do Brasil em que estes artigos foram produzidos, conforme o mapa (Figura 1).

Figura 1 – Número de produções relacionadas ao tema, na ANPED, entre 2000 e 2016.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir da análise do mapa, as regiões Sudeste e Centro-Oeste publicaram a mesma quantidade de produções acerca do tema dificuldades de aprendizagem e alfabetização. Para facilitar a visualização dos trabalhos encontrados, foram organizados no quadro 1, envolvendo o tipo de produção, o título, autor, ano e local publicado.

**Quadro 1 – Produções envolvendo as dificuldades de aprendizagem em alfabetização**

<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Local publicado</b>
Artigo	Dificuldades de Aprendizagem... O que as crianças falam sobre isso?	Maria Goretti Quintiliano Carvalho	2015	GT4 - Didática
Artigo	Concepções e práticas na escola sobre a dificuldade de aprendizagem	Maria Goretti Quintiliano Carvalho	2010	GT4 - Didática
Artigo	Uma possibilidade para a superação das dificuldades na aprendizagem da língua escrita: o texto e sua reescrita	Lilian Mara Dela Cruz Viégas e Alda Nascimento Osório	2009	GT10 - Alfabetização
Artigo	A reflexão sobre a língua e a superação das dificuldades de leitura e escrita	Stela Miller	2004	GT10 - Alfabetização
Artigo	(CON)Fusões entre alfabetização e letramento: As dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização numa escola pública e numa escola particular	Karina Fideles Filgueiras	2004	GT10 - Alfabetização
Artigo	Práticas de alfabetizadora provocam sucesso e fracasso escolar.	Maria Iolanda Monteiro e Alda Junqueira Marin	2000	GT4 - Didática

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pesquisar permite contextualizar os fatos historicamente, para o entendimento do problema e assunto a serem pesquisados. Nesse viés, para refletirmos e entendermos sobre o objeto deste estudo, buscamos realizar um levantamento sobre o que vem sendo pesquisado no contexto das dificuldades de aprendizagem na alfabetização.

Este estudo reportou para o seguinte problema de pesquisa: qual o estado do conhecimento das pesquisas sobre dificuldades de aprendizagem na alfabetização? E como questões de pesquisa complementando o problema: há uma estigmatização das crianças? São, de fato, os transtornos de aprendizagem causando dificuldades na alfabetização? São problemas teórico-metodológicos?

Como objetivo geral para responder as questões dessa investigação foi definido: analisar as principais características e tendências da pesquisa acadêmica sobre dificuldades de aprendizagem na alfabetização visando refletir a dimensão de produções neste campo de estudo, e compreender o saber que vem sendo construído sobre o tema nos últimos dezesseis anos.

E como objetivos específicos: a) analisar as contribuições e pertinências das pesquisas sobre as dificuldades de aprendizagem na alfabetização; b) listar teorias e métodos dominantes das dificuldades de aprendizagem na alfabetização; c) verificar autores e periódicos mais relevantes dessa temática; d) levantar o que vem sendo produzido sobre dificuldades de aprendizagem na alfabetização; e) analisar as pesquisas acadêmicas produzidas nos últimos dezesseis anos que abordam as dificuldades de aprendizagem na alfabetização e f) mapear e sistematizar o conhecimento já elaborado sobre o tema.

Para atender aos objetivos, este artigo foi dividido em duas categorias de análise:

- I. Dificuldades de aprendizagem e alfabetização: o que vem sendo produzido?
- II. Dificuldades de aprendizagem ou dificuldades de alfabetização?

Na primeira categoria, buscamos atender aos objetivos de mapear e sistematizar o conhecimento que vem sendo produzido, listar teorias e métodos dominantes das dificuldades de aprendizagem, verificar autores e periódicos mais relevantes dessa temática. Já na segunda categoria, iremos analisar as contribuições e pertinências das pesquisas.

### **3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

#### **3.1 Dificuldades de aprendizagem e alfabetização: o que vem sendo produzido?**

A dificuldade de aprendizagem é uma queixa antiga e frequente nas escolas, portanto, muitas pesquisas buscam compreender como ocorre esse processo dentro das instituições escolares. Por conseguinte, buscamos sintetizar abaixo o conhecimento que publicado na área.

O artigo de Monteiro e Marin (2000) apresenta parte de uma pesquisa realizada para a dissertação de mestrado de Monteiro (2000). Com caráter qualitativo e quantitativo, o estudo de caso tem o objetivo de compreender aspectos do trabalho e contexto de uma professora alfabetizadora. A escola pesquisada fica na periferia de São Paulo, conforme dito pelas autoras:

É uma escola que não se encontra em ótimas condições nem em péssimas. É uma escola que não está fora do “padrão”, ou seja, é constituída por características que são encontradas em outras escolas públicas do Estado de São Paulo, fato que permitirá a outros estudiosos a fazer generalizações para suas situações, se assim se julgar oportuno (MONTEIRO; MARIN, 2000, p. 3).

A coleta de dados da pesquisa supracitada foi realizada por meio de entrevistas com a professora e crianças das duas turmas de primeira série, análise de documentos (avaliações, relatórios, cadernos e atividades avulsas), observação participante, técnica de “coaching” e aplicação dos testes ABC de Lourenço Filho (1962) nos alunos. As autoras separaram as crianças, com base nos seus rendimentos de avaliações bimestrais, em três grupos: rendimento baixo, rendimento regular e rendimento bom.

Por meio da análise dos dados coletados, Monteiro e Marin (2000) evidenciam que o foco do rendimento escolar dos alunos e suas condições para alfabetização, segundo a professora entrevistada, está relacionado com as condições culturais e financeiras de suas famílias, que não apoiam e não ajudam seus filhos. No entanto, as observações e entrevistas com as crianças revelaram que as mesmas, apesar de morarem na periferia, apresentam condições econômicas suficientes para um bom desenvolvimento social e escolar: possuem casa própria, local adequado para estudo em casa, material escolar, alimentação, ou seja, são crianças que não evidenciam problemas sociais e econômicos que os impeçam de aprender. Em relação a escolaridade dos pais, foi encontrado que as crianças de pais com escolaridade completa ou não, estão presentes em todas as faixas de rendimento escolar, confirmando que a escolaridade dos pais não determina o rendimento escolar dos filhos.

Os resultados do teste ABC indicaram que todos os alunos possuíam plena capacidade cognitiva para a aprendizagem, sendo assim, as autoras concluíram que as atividades de ensino realizadas pela professora não auxiliavam no desenvolvimento das habilidades com menores escores (como memória auditiva e lógica), apenas

favoreciam a participação de alunos com recursos intelectuais focalizados pela educadora.

Portanto, com a triangulação dos dados verificou-se que a professora realizava atividades que promoviam o sucesso de alguns e insucesso de outros, mesmo todas as crianças possuindo condições para a alfabetização, ou seja, Monteiro e Marin (2000) concluíram que as práticas em sala de aula são fundamentais para o alcance do sucesso ou fracasso escolar, ressaltando que os professores precisam se conscientizar de que atividades homogêneas não permitem o sucesso de todos.

Filgueiras (2004) realizou um estudo de caso em uma escola particular, com turmas do terceiro período da educação infantil – faixa etária de seis anos - e uma pública, com turmas de terceiro ano – faixa etária de nove anos - na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais. A pesquisa busca entender e analisar o processo de alfabetização, em realidades distintas, e os encaminhamentos dados aos alunos que não acompanham o ritmo escolar. Em escolas públicas a alfabetização é organizada por ciclos, em contrapartida as particulares tentam antecipar a alfabetização para séries iniciais da escolarização infantil.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram observação participante e sistemática, entrevistas informais com alunos, professores e demais técnicos das unidades escolares, análise das atividades e participação na reunião de pais e professores. Filgueiras (2004) acompanhou sistematicamente o cotidiano escolar, participando do início até a conclusão do primeiro semestre do ano letivo, procurando investigar como é realizado o diagnóstico e os encaminhamentos dos alunos com dificuldades para as salas de reforço.

Segundo a autora, o processo de diagnóstico dos alunos demonstra uma confusão entre alfabetização e letramento. Em ambas as escolas o diagnóstico era realizado com atividades de alfabetização: codificação por meio da escrita e decodificação por meio da leitura. Porém, em sala de aula eram realizadas atividades de letramento: práticas sociais de leitura e escrita, interpretação de diferentes tipos de texto. Após o diagnóstico, as crianças eram encaminhadas para as salas de recuperação (escola pública) e oficinas de leitura e escrita (particular), ou seja, os alunos com dificuldades eram separados de suas turmas originais.

Filgueiras (2004) pontuou que as escolas fazem uma confusão entre alfabetização e letramento, tanto nas atividades realizadas com as crianças, tanto em



entrevistas com os profissionais da educação. Para a autora, deveria ocorrer uma fusão entre esses conceitos para facilitar a aprendizagem dos alunos.

A pesquisa de Miller (2004) apresenta como objetivo identificar os fatores relacionados às dificuldades de leitura e escrita de alunos das séries iniciais, verificando se há eficiência em atividades de reflexão sobre a língua para superação das dificuldades. A pesquisa ocorreu durante os anos de 2002 e 2003, em uma escola da rede estadual de ensino de São Paulo, com alunos, diagnosticados pela escola, de salas de recuperação.

A autora destaca em seu artigo que o professor deve desempenhar o papel de mediador para incentivar o processo de desenvolvimento do aluno, proporcionando as condições necessárias ao desenvolvimento das funções psicointelectuais superiores dos alunos, seguindo a linha de Vygotsky. Portanto Miller (2004), por meio de observações e entrevistas com professores, pais e alunos, realizou um levantamento de dados sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos e se propôs a realizar duas atividades de pesquisa: fez um trabalho, com a participação de bolsistas, junto aos alunos que, segundo a escola, apresentavam dificuldades de aprendizagem. A outra atividade foi de assessoria aos docentes, com objetivo de discutir os problemas encontrados e possibilidades de soluções, auxiliando os mesmos a refletirem sobre suas práticas.

Diferente da pesquisa de Monteiro e Marin (2000), os alunos da escola de Miller (2004) eram de pais com renda precária, baixa escolaridade e com um ambiente familiar de pouco ou nenhum material de leitura disponível. Na escola também não tinham muitos materiais de leitura disponíveis, sendo o livro didático o principal recurso utilizado pelos professores, bem como lições de cartilha, portanto, os alunos não tinham contato com a função social da escrita, apenas realizavam atividades de codificação e decodificação do sistema alfabético.

Miller (2004) descreve dois projetos que realizou com os alunos e apresentaram bons resultados: construção de convite para festa da sala, projeto visita ao supermercado, bem como os conteúdos trabalhados nestas atividades. Segundo a autora, os resultados da pesquisa apontam para uma complexa teia de fatores ligados a origem dos problemas de aprendizagem de algumas crianças que fogem à escola, como por exemplo, a condição socioeconômica dos pais, porém enfatizando que no contexto pedagógico há muito a ser feito, provando com suas ações pedagógicas que

trabalhos de reflexão sobre textos escritos, o aluno pode ir, aos poucos, superando suas dificuldades.

Com aporte teórico-metodológico e análise de dados na perspectiva Sócio-Histórica, as autoras Viégas e Osório (2009), apresentam como objetivo investigar por qual motivo muitos alunos do primeiro ano, de uma escola da Rede Municipal do estado de Mato Grosso do Sul, apresentam dificuldades no processo de aprendizagem da língua escrita, principalmente em produções textuais.

As autoras realizaram entrevistas e observações com três professoras da escolas, a fim de identificar a importância que as mesmas atribuíam, e como aplicavam, as atividades de produção textual. Os dados apresentados demonstram, segundo Viégas e Osório (2009), que as professoras utilizam um método tradicional de ensino, com excessiva preocupação a aquisição do código de escrita, com poucas produções espontâneas, tentativa de prevenir erros por parte dos alunos, o que condicionava os mesmos a uma dependência das educadoras. Após intervenções/atividades executadas e demonstradas pelas autoras.

Sendo assim, as autoras entendem que a transformação da prática pedagógica: “consiste em mudar representações consolidadas num processo de construção de vida profissional e pessoal, não se trata de incorporar “novos modelos” e leva-los para diferentes realidades” (2009, p.16). Portanto, mudanças nas práticas pedagógicas só são possíveis a partir de um novo entendimento acerca da linguagem, indo além da percepção da escrita como um conjunto de regras a se seguido, para que, dessa forma, os alunos possam superar dificuldades encontradas na linguagem escrita e em produções textuais.

A autora Maria Goretti Quintiliano Carvalho publicou dois artigos na ANPED que serão utilizados neste trabalho: um recorte de sua pesquisa de mestrado acerca das concepções e práticas na escola sobre a dificuldade de aprendizagem, no ano de 2010, e o outro com as perspectivas das crianças sobre a dificuldade de aprendizagem, sendo este último um recorte de sua tese de doutoramento, no ano de 2015, ambos realizados em escolas públicas municipais em São Luís de Montes Belos, em Goiás.

O artigo de Carvalho (2010), apresenta três questões norteadoras: o que os professores pensam sobre dificuldade de aprendizagem e quais elementos constituem essas concepções, o que professores e/ou escola fazem para reverter a situação de fracasso escolar e quais critérios são utilizados para a identificação das crianças com dificuldade de aprendizagem. Para responder tais questões, os instrumentos de coleta

de dados foram entrevistas semiestruturadas com 14 professores que atuam nas primeiras séries da rede municipal e observações de suas aulas. Os dados foram analisados e separados em categorias: ritmo, família e diferenças culturais.

Para Carvalho (2010) alguns professores relacionam a dificuldade de aprendizagem com o amadurecimento de cada criança, comparando o ritmo dos alunos para a execução das tarefas. Para solucionar este problema, os professores sugerem aulas de reforço, atendimento individualizado e atividades diferenciadas, porém, em suas observações, a autora identificou que nenhuma atividade diferenciada foi utilizada pelos professores com as crianças identificadas com dificuldades de aprendizagem.

Na segunda categoria, Carvalho (2010) apresenta uma reclamação evidente na fala de diversos professores: que a dificuldade de aprendizagem está relacionada com questões fora da escola, ou seja, que são de responsabilidade dos alunos e suas famílias ausentes. Os professores também ressaltam a importância da psicóloga do município, pois a maioria considera os problemas de fracasso escolar são de ordem psicológica, apesar de não saber especificar que tipo de problema psicológico está comprometendo a aprendizagem das crianças. Ou seja, em nenhum momento consideram que a sua didática podem estar comprometendo a aprendizagem dos alunos, esse mesmo ponto de vista permanece na família e nas crianças.

Para finalizar as categorias, a autora apresenta observações realizadas em sala, que demonstram as diferenças culturais, por parte dos docentes, como justificativas para o fracasso escolar de algumas criança. Carvalho (2010) deixa claro em seu artigo, que novamente a culpa recai sobre as crianças, e estas percebem que não conseguem atingir as expectativas de seus professores, enfrentando sozinhas as atividades que não conseguem executar.

Carvalho (2010) conclui que os professores não conseguem criar uma relação pedagógica com seus alunos, distanciando as crianças de seus conteúdos, causando um atraso cada vez maior. Porém, a autora também enfatiza que a falta de uma política educacional que priorize sanar os problemas relacionados a aprendizagem também impedem que o professor evolua em seu trabalho. A autora encerra destacando que os professores não são formados para lidar com as dificuldades de aprendizagem e as diferentes formas de aprender de cada aluno.

Em seu artigo do ano de 2015, Carvalho apresenta como objetivo “compreender de que forma as crianças consideradas com dificuldade de

aprendizagem concebem (ou não) essas dificuldades de aprendizagem e qual sua relação com o saber que lhe é apresentado pela escola” (2015, p. 1), aplicado em uma escola integral com crianças de segundo e terceiro ano. A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas com as crianças, professores, documentos e diagnósticos realizados pela escola.

Os resultados apresentados pela autora demonstram que, na concepção das crianças, para aprender é necessário se comportar, obedecer, calar-se e fazer tudo o que o/a professor/a manda. Carvalho (2015) destaca que para as crianças há um sentimento de repulsa, dor e sofrimento em relação ao que não conseguem aprender. Assim como em sua pesquisa anterior, a autora traz a luz que a criança que não acompanha o ritmo de sua classe é responsabilizada pelas dificuldades de aprendizagem que enfrenta, visto que para a escola, os alunos não aprendem porque lhes falta algo que não compete ao ambiente escolar e acaba promovendo o fracasso, moldando as crianças numa situação de angústia, podendo afetar o futuro desses sujeitos, pois a escola foca nas dificuldades que as crianças apresentam, deixando de lado suas potencialidades em aprender.

Carvalho (2015) finaliza salientando importância de ouvir a criança, visto que cada uma tem as suas especificidades, competências e podem contribuir para o processo de aprendizagem.

### **3.2 Dificuldades de aprendizagem ou dificuldades de alfabetização?**

As expectativas do professor em relação ao desenvolvimento do aluno e o modo como interagem interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, nos resultados que o aluno apresentará (MIRANDA, 2008). A amostra de pesquisa conduz para esse viés: que o professor interfere diretamente no desenvolvimento de seus alunos, porém, muitas vezes, não se percebem como os agentes responsáveis pelo insucesso escolar.

A queixa acerca do fracasso na alfabetização tornou-se cada vez mais frequente e as justificativas baseadas em uma falha da criança evoluíram com o passar dos anos. Por exemplo, no artigo de Monteiro e Marin (2000), os resultados demonstram que a professora justifica a dificuldade dos alunos em seus contextos familiares, porém, constataram que o contexto familiar dos alunos era saudável, com

o teste ABC comprovaram que as crianças tinham plena condição para aprender e não apresentavam atrasos que poderiam interferir em sua aprendizagem.

O artigo de Miranda, publicado 10 anos após o estudo supracitado, demonstra que as justificativas do insucesso escolar ainda recaem sobre a família:

Para esses professores, a participação da família é muito importante, mas não é primordial, pode-se fazer um bom trabalho sem ela. Entretanto, justificam as dificuldades de aprendizagem das crianças apontando a ausência da família nesse processo (MIRANDA, 2010, p.9).

Porém existe o reconhecimento de que é possível fazer um bom trabalho com as crianças sem a interferência de sua família, entretanto, apontam outra justificativa para o insucesso escolar:

Todos os professores ressaltaram que o trabalho com a psicóloga do município é muito importante, pois eles consideram que a maioria dos problemas é causado por fatores de ordem psicológica, apesar de não saberem especificar qual o problema psicológico que compromete a aprendizagem dessas crianças (MIRANDA, 2010, p. 9).

Os argumentos do fracasso escolar passam a utilizar problemas de ordem psicológica/desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, Jobim e Souza (1996) analisa que a concepção desenvolvimentista faz com que sejam criados padrões de normalidade e deficiência, legitimando todo tipo de tratamento infligido sobre as crianças pelos médicos, psicólogos e instituições escolares, assim, não percebem que a criança é um ser que interage, modifica e é modificado pelo ambiente.

As práticas pedagógicas são baseadas em teorias do desenvolvimento, que defendem a evolução progressiva e por etapas das capacidades das crianças (JOBIM E SOUZA, 1996). As atividades, avaliações e o modo como os professores realizam o diagnóstico dos alunos é exposta e criticada em todos os seis artigos analisados nesta pesquisa.

Filgueiras (2004), que analisou uma escola pública e outra particular, destaca que a metodologia dos trabalhos pedagógicos realizado em ambas instituições era confusa. Em atividades propostas em sala de aula prezavam por atividades de escrita espontânea, leitura de livros e revistas em quadrinhos, porém as atividades avaliativas eram de tomar leitura, escrita correta de palavras, ou seja, não condiziam com o que era proposto em sala.

Monteiro e Marin (2000) afirmam que:

O fator decisivo para o sucesso/fracasso, no rendimento escolar dos alunos das primeiras séries do ensino fundamental decorre das práticas da professora investigada, ocasionando sucesso/fracasso com base em concepções [...] Tais práticas de ensino coletivizado são contraditórias pois, ao mesmo tempo, favorecem a aprendizagem de algumas crianças e prejudicam a aprendizagem de outras, sem que os professores tenham consciência de tal circunstância (2000, p. 3).

Soares (2004) salienta que a confusão metodológica está conduzindo para um apagamento da alfabetização, pois o conceito de letramento foi conduzido de forma inadequada no conceito de alfabetização. Conforme a autora, o letramento é a imersão das crianças no universo da escrita, que é composto por variedades textuais, enquanto que alfabetização é a consciência fonológica e fonêmica, conseguir identificar os diferentes fonemas e suas relações com os grafemas, é a aquisição de habilidades de codificação e decodificação da língua escrita. Portanto, torna-se fundamental a integração desses dois processos de aprendizagem da linguagem, utilizando as especificidades de cada um com atividades pedagógicas de acordo com a necessidade de cada criança.

Entretanto, conforme a análise de Miller (2004), com ações práticas desenvolvidas pela pesquisadora, as atividades de leitura e escrita, em sala e nos programas de reforço, são trabalhadas de forma artificial, não proporcionando ao aluno o conhecimento acerca do uso da linguagem escrita na sociedade, há uma preocupação excessiva com o código escrito que conduz para muitas dificuldades de aprendizagem apresentadas.

Viégas e Osório (2009) apresentam resultados similares aos de Miller (2004), afirmando que mudanças significativas na prática pedagógica só irão ocorrer quando as concepções de linguagem que subsidiam os docentes forem modificadas e os mesmos compreenderem que o processo de alfabetização não é um conjunto de signos e regras a serem seguidos, mas que re-significando conceitos, produzindo sentidos na vida dos sujeitos, assumindo o papel de mediadores no processo de ensino-aprendizagem, permitindo que o aluno participe desse processo irão modificar a forma como o aluno aprende e se relaciona com o ambiente escolar.

Carvalho (2010; 2015) demonstra que, mesmo após os professores identificarem as dificuldades de aprendizagem de seus alunos, seus planejamentos não sofrem alterações, visto que os mesmos tem um cronograma de conteúdos a serem cumpridos. A pesquisadora esclarece que existem diversas instâncias superiores de cobrança que impactam diretamente o trabalho do professor, a falta de uma política

educacional, baixo salário, jornada dupla de trabalho, afetam o tempo de planejamento e de reflexão sobre os problemas identificados e seu trabalho em sala, a formação acadêmica que não prepara o professor para lidar com as dificuldades de aprendizagem, bem como a deficiência de apoio em relação a formação continuada são problemas enfrentados pelos educadores. Entretanto, a autora esclarece que apenas uma prática docente responsável será capaz de modificar e superar os problemas encontrados na alfabetização.

Conforme Miranda (2008), um bom docente precisa “dispor de conhecimentos para tomar decisões, ter raciocínio claro para resolver problemas, ampliar sua análise da realidade, ser curioso e desconfiar das aparências” (p. 19), entretanto, para desenvolver estas habilidades, necessitam de formação teórica, para que possam refletir de modo analítico acerca da sua prática e assim conseguirem produzir soluções para os problemas escolares de ensino e de aprendizagem que encontram em suas salas de aula.

#### **4. DIALOGANDO COM AS PESQUISAS E O OBJETO DE ESTUDO**

A alfabetização é uma área de processo complexo, com múltiplas perspectivas e pluralidade de enfoques, que envolve diferentes atores (professores e alunos), em diferentes contextos culturais e metodológicos (SOARES, 1985). Esta fase do desenvolvimento escolar envolve métodos, processos, instrumentos e técnicas, ou seja, a alfabetização é o ensino e o aprendizado de um novo tipo de tecnologia, um conjunto de conhecimentos e procedimentos necessários para o acompanhamento da carreira escolar (BATISTA; SOARES, 2005).

Mas caso os alunos não se apropriem da leitura e escrita da forma que é esperado que o façam? Nos últimos dezesseis anos as pesquisas publicadas na ANPED acerca das dificuldades de aprendizagem demonstram uma modificação da atribuição de culpa às crianças: na pesquisa de Monteiro e Marin (2000) os professores atribuíam culpa as crianças e suas famílias, em Carvalho (2010; 2015), passaram a utilizar os problemas de ordem psicológica como: dislexia, transtorno de hiperatividade, déficit de atenção, entre outros, como justificativa complementar.

Portanto, como problematizado no início desta pesquisa: há uma estigmatização das crianças? São, de fato, os transtornos de aprendizagem causando dificuldades na alfabetização ou são problemas teórico-metodológicos? Na amostra de

dados deste artigo, os resultados apresentados pelas pesquisadoras apontam para uma estigmatização das crianças. A atribuição de transtornos psicológicos como causalidade das dificuldades de aprendizagem é amplamente discutido por Patto (1990, 1999, 2004), Collares e Moysés (1996), Jobim e Souza (1996), Souza (2011), entre outros autores, que chamam de patologização/medicalização da infância este processo de diagnosticar a criança que apresenta dificuldades em aprender conhecimentos escolares.

Como afirma Caldas (2005), a escola e muitos profissionais da saúde, atribuem a causa do fracasso escolar a questões intelectuais ou emocionais individuais do aluno, sem considerar que talvez o constante insucesso acadêmico esteja produzindo tais questões emocionais. A autora explicita que não se deve negar a existência de problemas emocionais, dificuldades familiares, ou outras questões individuais da criança, entretanto, não se deve estabelecer causa linear entre estes fenômenos e a capacidade de aprender, mas sim pensar na rede de agentes produtores da dificuldade de aprendizagem e, caso haja de fato um problema psicológico/médico, faz necessário avaliar como é que a escola se relaciona com estes fenômenos.

Em todas as pesquisas analisadas neste artigo, as autoras ressaltam uma prática docente não reflexiva acerca dos conteúdos ministrados, tal prática fica evidente, por exemplo, nos trechos: “essas crianças estão distantes dos conteúdos e atividades propostas pelo professor [...] as atividades são preparadas tendo como parâmetro as crianças que têm mais facilidade em desenvolvê-las” (CARVALHO, 2010, p.12), “quando a criança não consegue aprender, o/a professor/a repete a explicação. O que permite considerar que o/a professor/a não se percebe no processo de aprendizagem da criança” (CARVALHO, 2015, p. 13) e também no trecho “há uma insuficiência de análise, por parte da professora, em relação à natureza das atividades [...] privilegia algumas habilidades e não trabalham outras inerentes à alfabetização” (MONTEIRO; MARIN, 2000, p. 15).

Essas colocações indicam um caminho para estudos posteriores acerca das metodologias/práticas pedagógicas empregadas na alfabetização. Miller (2004) propôs atividades interventivas e se dispôs a desenvolver ações junto aos docentes para auxiliá-los a encontrar soluções possíveis para as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Confirmando e mostrando aos docentes que a mudança das práticas pedagógicas podem colaborar para a minimização do insucesso escolar, tornando este tema foco para futuras pesquisas.



Na pesquisa de Viégas e Osório (2009), os resultados demonstram a necessidade de mudanças na prática pedagógica, que só ocorrerão quando os professores compreenderem que as concepções de linguagem subsidiam suas ações, e que a linguagem é constituída num processo histórico-social e esta em constante transformação.

A perspectiva histórico-cultural está presente em todos os trabalhos analisados neste artigo, visto que destacam a necessidade do professor ser como um mediador. A mediação por parte do professor deve proporcionar o avanço nos níveis de desenvolvimento das crianças e, para o efetivo desempenho desta função, o professor precisa compreender a importância social que o mesmo desempenha no ato pedagógico, partindo de sua concepção de educação escolar (FONTOURA *et al*, 2011).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo propôs analisar as principais características e tendências da pesquisa acadêmica sobre dificuldades de aprendizagem na alfabetização visando refletir a dimensão de produções neste campo de estudo, e compreender o saber que vem sendo construído sobre o tema nos últimos dezesseis anos.

A amostra de pesquisas analisadas neste artigo, evidenciam que o corpo docente das unidades escolares centra a dificuldade de aprendizagem na alfabetização voltada para a criança: ora porque sua família é ausente e não dá o suporte necessário para seus filhos, ora é voltada para transtornos de ordem psicológica que interferem no aprendizado da criança.

Entretanto, os dados analisados pelos pesquisadores e seus resultados demonstram que há uma necessidade de rever as práticas dos docentes alfabetizadores, visto que os mesmos demonstram uma confusão metodológica, desenvolvendo atividades que não auxiliam o processo de apropriação da leitura e da escrita de todos os seus alunos.

Com base na análise das pesquisas apresentadas neste artigo, constatou-se a necessidade de futuras pesquisas acerca das concepções de alfabetização por parte de todos os agentes envolvidos (professores, unidade escolar, secretarias de educação) no processo de alfabetização, visto que os resultados apresentaram uma confusão metodológica, por parte dos docentes, na elaboração de atividades que visavam a

apropriação, por parte de seus alunos, da escrita e leitura. Apenas a partir da compreensão de como ocorrem os processos de aprendizagem, os docentes conseguirão encontrar alternativas para dificuldades que possam ser apresentadas pelos alunos, sem culpá-los ou diagnosticá-los pela não aprendizagem, mas buscando soluções metodológicas para auxiliar no seu pleno desenvolvimento.

## 6. REFERÊNCIAS

BARRETO, V. Fita de Vídeo, PDI- CAT- SESI- Lages - **Textos no Contexto**. S/D.

BATISTA, A. G., SOARES, M. B. Alfabetização e letramento: caderno do professor. **Ceale UFMG**. Belo Horizonte, 2005.

CAGLIARI, L. C. O príncipe que virou sapo: considerações à respeito da dificuldade de aprendizagem das crianças na alfabetização. **Cad. Pesq.**, São Paulo, v. 55, p. 50-62, 1985.

CALDAS, R. F. L. Fracasso escolar: reflexões sobre uma história antiga, mas atual. **Rev. Psicologia**, v.7, n. 1, p. 21-34, jul. 2005.

CARVALHO, M. G. Q.. **Concepções e práticas na escola sobre a dificuldade de aprendizagem**. 2010. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/sites/default/files/11\\_concepcoes\\_e\\_praticas\\_na\\_escola\\_sobre\\_dificuldade\\_de\\_aprendizagem.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/11_concepcoes_e_praticas_na_escola_sobre_dificuldade_de_aprendizagem.pdf)>. Acesso em: jan. 2018.

CARVALHO, M. G. Q.. **Dificuldades de Aprendizagem.... O que as crianças falam sobre isso?** 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT04-4599.pdf>>. Acesso em: jan. 2018.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no Cotidiano Escolar:** ensino e medicalização. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

FIDELES, K. **(CON)Fusões entre alfabetização e letramento:** As dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização numa escola pública e numa escola particular. 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/p101.pdf>>. Acesso em: jan. 2018.

FONTOURA, L. V. et al. O que é Educação, Educador?: A concepção de educação para professores e diretores de escolas d Região do Vale do Itajaí-SC. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais...** . 2010. p. 6531 - 6541.

JOBIM e SOUZA, S. Re-significando a Psicologia do Desenvolvimento: Uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, S.; LEITE, M. (Org.). **Infância:** Fios e Desafios da Pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1996, Cap. 2, p. 39-56.

- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, A. M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 7ª ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2010.
- MEDEIROS, Francisco de Assis da Silva. **Guia para elaboração de monografias.** Manaus: Fucapi, 2007.
- MILLER, S. **A reflexão sobre a língua e a superação das dificuldades de leitura e escrita.** 2004. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt10/t1012.pdf>>. Acesso em: jan. 2018.
- MIRANDA, I. M. **Problema de aprendizagem na alfabetização e intervenção escolar.** São Paulo, Cortez, 2008.
- MONTEIRO, M. I.; MARIN, A. J. **Práticas de alfabetizadora provocam sucesso e fracasso escolar.** 2000. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/sites/default/files/13\\_praticas\\_de\\_alfabetizadora\\_provocam\\_sucesso\\_e\\_fracasso\\_escolar.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/13_praticas_de_alfabetizadora_provocam_sucesso_e_fracasso_escolar.pdf)>. Acesso em: 01 jan. 2018.
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Diálogo Educ.** n. 19, v. 6, p. 37-50, set./dez. 2006.
- SENA, M. G. C., GOMES, M. F. C. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização.** Autêntica, 2000.
- SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 52, p. 19-24, 1985.
- SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, MG. Autêntica, 1998.
- SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas\*. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, 2004.
- SOUZA, M. P. R. Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar: a medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. In: Conselho Federal de Psicologia (Org.). **Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos.** Casa do Psicólogo, 2º edição. São Paulo, 2011. Cap 4, p. 57-67.

VIÉGAS, L. M. de L. C.; OSÓRIO, A. M. do N.. **Uma possibilidade para a superação das dificuldades na aprendizagem da língua escrita: o texto e sua reescrita**. 2009. Disponível em:  
<<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT10-5925--Int.pdf>>. Acesso em:  
jan. 2018.